

# Alegria foi prova dos nove na passeata

Da Redação

por risadas e piadas e entre uma palavra de ordem e outra se escutou de tudo: Doors, Beatles, Caetano Veloso, Geraldo Vandré, Raul Seixas — não por acaso, símbolos da rebeldia de outros tempos.

Os tempos de agora estavam no peito: não faltaram as camisetas de banda nem as jaquetas de couro. Além do peito, nas caras de quem ainda tem tudo pela frente. (Sílvia Carone)



Torcendo juntas pra valer: as duas meninas vão à passeata dividindo a euforia e o amarelo da camisa da seleção brasileira

"Gordinha"

Ornuad Alves/Folha Imagem

"Stage diving"

Ornuad Alves/Folha Imagem

Caras e bocas

Muuzi Meyze/Folha Imagem



Recursos de todas as tribos foram apropriados pelos estudantes: teve até "stage diving", ritual típico dos shows de metal



Verde-e-amarelo no rosto e preto nos lábios e nas roupas

Pirâmide

Muuzi Meyze/Folha Imagem

Carnaval

Sílvia Carone/Folha Imagem

New hippie



Para expressar união, valeu tudo, até copiar as pirâmides catalãs exibidas na Olimpíada



Fantasia irreverente para a festa com as cores da nação



Paz e amor voltam à cena

Radical

Ornuad Alves/Folha Imagem



Durante a concentração no vão do Masp, o manifestante ensaia um salto sobre a multidão



Cornetas utilizadas para berrar bem alto: "Fora Collor!"

Os jovens não aceitaram refrões ideológicos puxados por líderes do movimento.



O descanso da guerreira antes do novo ato, às 17hs, no Anhangabaú

Fantasia, alegria, alegria: os 'teens' enchem as ruas na passeata mais alegre da história da cidade.

# folhateen EXTRA

# FURACÃO TEEN!

Eder Chudetto/Folha Imagem



São Paulo amanheceu com um furacão de adolescentes nas ruas, que tentou varrer, com muito humor, velhos hábitos políticos, pedindo o impeachment de Collor e o fim da corrupção

## A primeira passeata a gente nunca esquece

Cerca de 200 mil adolescentes fazem ato festivo pelo impeachment do presidente Collor no centro de SP

Da Reportagem Local

Cerca de 200 mil jovens, a maioria até então virgens em passeatas, se reuniram ontem de manhã no centro de São Paulo para uma festa apartidária. "Ah-ah, uh-uh, queremos Collor no Carandiru!" foi a palavra de ordem mais cantada ao longo das quatro horas e cinco quilômetros do percurso. A multidão se referia de forma debochada ao presidente do Brasil e ao maior complexo penitenciário da América Latina, instalado em São Paulo. "Foi melhor do que o enterro do Raul Seixas", sintetizou Carlos Godoy, 17, ao fim de sua primeira passeata.



GUERRA DOS MENINOS

Em meio a uma salada de símbolos, a única inscrição que recolheu unanimidade — "Fora Collor" — foi vista tanto em camisetas de partidários de Eduardo Suplicy (PT), Fábio Feldmann (PSDB) e Aloysio Nunes Ferreira (PMDB) quanto em "t-shirts" do grupo PDS Jovem, que apóia Paulo Maluf. Tentativas de atrair a atenção dos jovens com palavras de ordem não ligadas à questão do impeachment fracassaram. Temas esdrúxulos — como uma ode a Fidel Castro, proposta por uma turma do PC do B — não conseguiram animar nem os militantes mais fiéis.

A passeata saiu de frente do Masp, na av. Paulista, por volta das 10h. Atingiu seu momento de pico, com 200 mil participantes, segundo a Polícia Militar, na av. Brigadeiro Luís Antônio. Às 12h, a multidão se comprimiu entre duas pontas da avenida, com dois quilômetros de extensão. Segundo os organizadores — União Nacional de Estudantes e União Brasileira de Estudantes Secundaristas —, nesse momento, mais de 350 mil pessoas participavam da



Os rostos pintados pintaram mais uma vez nas ruas de SP

manifestação. Não houve registro de incidentes. A passeata se encerrou por volta das 14h no vale do Anhangabaú.

O protesto teve trilha sonora exótica. Cantou-se do "Rap do Fernandinho" ("Fernandinho, dinho, dinho/desde pequeno sempre mimadinho") a "Para Não Dizer Que Não Falei das Flores", de Geraldo Vandré. Pelo menos dez carros de som disputavam a atenção dos jovens com palavras de ordem diferentes. Ninguém ouvia ninguém. E todo mundo se divertia.

Do alto de um carro de som, uma menina leu um poema e o apresentou como sendo do músico Raul Seixas. O rapaz que comandava o carro tomou o microfone e pediu palmas para o pedagogo Paulo Freire. A menina tomou o microfone de volta e disse que o poema era de Raul Seixas, não de Paulo Freire. O rapaz, então, pediu palmas para Raul Seixas e começou a cantar o "hit" dos hippies, "Vida Alternativa", de Seixas e Paulo Coelho.

Além dos "freaks", tiveram vez na passeata surfistas, "comunistas sem partido", como se autodefiniu Wilson Duarte de Oliveira, 16, metaleiros, punks e até anarquistas, como José Renato Derriti, que exibiu um "A" pintado em seu rosto e explicava: "Sou contra qualquer forma de poder". Mas logo completava: "O poder tem que ficar na mão dessa moçada que está aqui". Outro manifestante com idéias bizarras, Reinaldo Sanchez, 17, perguntava: "Por que o Raul Seixas morreu e o Sidney Magal fica vivo?"

A desorganização foi tanta que, ao final, parte do cortejo seguiu para a praça da Sé e parte para o vale do Anhangabaú. Anticlimax. Os da Sé foram informados que erraram e se dirigiram ao Anhangabaú. Chegaram com meia hora de atraso. E lá ficaram à espera do ato seguinte, promovido por adultos, que começou por volta das 17h.

